

OS RUMOS NA TEORIA DA COMUNICAÇÃO: o caminho do signo ao discurso

José Vanderlei CARNEIRO⁷⁰
Lisiane MOSSMANN⁷¹

RESUMO: Este artigo descreve de forma sistemática os percursos nos quais o signo sofreu alterações significativas numa perspectiva de investigação da linguagem comunicacional. Várias plataformas teóricas, tais como: virada linguística, pragmática da linguagem, semiologia são elaboradas com o propósito de serem operadores competentes das relações de comunicação. Na tentativa de traçar este percurso, utilizamos autores como Maigret (2010), Wolf⁷²(1996), Martino (2012), Ana Carolina Temer e Vanda Cunha (2012), McQuail (2013) que ajudam a aprofundar a discussão e a fazer uma revisão histórica e teórica desse processo. Ao final, Verón (1996) e Lopes (2004) nos mostram as perspectivas dos estudos contemporâneos. Neste sentido, o esforço teórico é um resgate histórico da teoria em comunicação e apontar as principais rupturas no pensamento comunicacional.

PALAVRAS-CHAVE: Signo. Linguagem. Comunicação.

ABSTRACT: This article describes a systematic way the pathways in which the sign has changed significantly in a research perspective of communicational language. Several theoretical platforms, such as linguistic turn, pragmatics of language, semiotics are designed with the purpose of being competent operators of communication relations. In an attempt to trace this route, use authors as Maigret (2010), Wolf (1996), Martin (2012), Ana Carolina Temer and Vanda Cunha (2012), McQuail (2013) that help to deepen the discussion and to review historical and theoretical this process. At the end, Verón (1996) and Lopes (2004)

⁷⁰ José Vanderlei Carneiro, doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará-UFC e professor adjunto da Universidade Federal do Piauí-UFPI (vanderleicarneiro66@gmail.com).

⁷¹ Lisiane Mossmann, mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Piauí-UFPI (lisianemossmann@gmail.com).

⁷² Mauro Wolf, descrevendo os modelos comunicativos encontrados na Teoria da Comunicação, destaca dois modelos: o semiótico-informacional e o semiótico textual, elaborados por Umberto Eco e Paolo Fabri. O modelo semiótico informacional trata da apreensão do fenômeno comunicativo como um processo de transmissão linear vinculado ao funcionamento dos fatores semânticos introduzidos mediante o conceito de código. O modelo semiótico-textual se apresenta como uma contribuição mais aberta da semiótica, rejeitando a ideia de linearidade e propondo a noção de rede textual. (TEMER; NERY, 2012, p. 161)

show us the perspectives of contemporary studies. In this sense, the theoretical effort is a historical ransom in communicational theory and point out the main breaks in communicational thought.

KEYWORDS: Sign. Language. Communication.

1. Introdução

Os primeiros estudos das teorias da comunicação foram baseados em abordagens lineares: um emissor repassava a informação por um canal até chegar a um receptor. O contexto e demais códigos utilizados tanto na produção como no envio e no recebimento da mensagem não faziam parte dos modelos de pesquisas e de análises dos estudiosos (FIGARO, 2010). No entanto, no século XX, os estudos sobre a linguagem provocaram mudanças nas formas de pesquisa midiática.

Segundo a pesquisadora Figaro (2010), a teoria matemática da informação, a cibernética, a hipótese da agulha hipodérmica, a hipótese dos usos e gratificações (WOLF, 1996) afirmam como base analítica o pressuposto de que a comunicação é a emissão de uma mensagem por um emissor, transmitida por meio de um canal até um receptor, que a recebe, a entende e age a partir dela.

Essa maneira de definir a comunicação ainda permanece e acaba sendo utilizada em algumas pesquisas. No entanto, a complexidade da sociedade contemporânea afetou o campo comunicacional e, conseqüentemente, o conteúdo produzido pela mídia. Para estudá-lo, então, é necessário pensá-lo a partir dessa complexidade. Conforme Martino (2012), há relação tripla entre linguagem, pensamento e sociedade, e nenhuma dessas dimensões podem ser eliminadas e sim delimitadas.

Por isso, McQuail (2013) afirma que ao delimitar o estudo do conteúdo midiático as teorias e os métodos disponíveis são os mais variados, e a sua escolha depende do objetivo da pesquisa. Na hora de fazer essa opção, segundo o autor norte-americano, levam-se em conta três aspectos: a) conteúdo como informação, b) o conteúdo como sentido oculto (semiologia) e c) a análise de conteúdo quantitativa tradicional.

Os primeiros estudos sobre o conteúdo da mídia refletiam mais uma preocupação social aos quais os meios de comunicação estavam ligados: de como a criminalidade, a violência e o sexo eram retratados pelo setor de entretenimento popular, bem como o uso da

propaganda e o desempenho da mídia em relação aos preconceitos. Depois, incluíram-se notícias, informações e entretenimento.

Chegou-se a pensar, segundo McQuail (2013), que os efeitos poderiam ser descobertos por inferências e a partir da “mensagem” incorporada ao conteúdo. Que o conteúdo refletia os propósitos e valores de seus produtores ou que os receptores compreenderiam os propósitos dos produtores. No entanto, esses pressupostos logo foram questionados e o estudo do conteúdo da mídia foi se tornando mais complexo e desafiador.

Uma forma de investigar o conteúdo da mídia tem origem na linguagem (McQUAIL, 2013). Afinal, a linguagem foi o foco de pensamentos de muitos filósofos desde a Grécia antiga: Platão, nos diálogos *Crátilo e Sofista*, e Aristóteles, no *Organon* e na *Retórica*, chegando até hoje na filosofia contemporânea. Autores que refazem o percurso dessa abordagem mostram rompimentos de paradigmas no estudo da Teoria da Comunicação ultrapassando modelos lineares de estudo. (MARTINO, 2012)

Uma das mudanças registradas no mundo das ciências foi com que se convencionou chamar de Virada Linguística, que provocou um distanciamento da concepção representacionista da linguagem, no início do século XX. Na época, ocorreu uma verdadeira explosão de estudos que propiciaram novas concepções não só à pesquisa no campo comunicacional, mas também na filosofia, na sociologia, na história, na educação – para citar algumas.

No entanto, a sistematização das configurações da linguagem para o campo comunicacional se torna um tanto difícil. Diferentes autores apresentam variadas abordagens na Teoria da Comunicação sobre o desenvolvimento da pesquisa sobre a linguagem e seus efeitos nos estudos da comunicação. Por isso, neste artigo, recorre-se a importância da Virada Linguística no processo cronológico das tradições das pesquisas comunicacionais, além de sublinhar os avanços e os limites de cada uma.

A organização retórica deste estudo compreende uma conceituação de comunicação nas pesquisas contemporâneas. Uma abordagem expositiva sobre a passagem de uma concepção tradicional de linguagem à Virada Linguística -investigação do signo linguístico. Em seguida explicitaremos o estudo pragmático da linguagem e do discurso e por fim, uma crítica aos dispositivos teóricos de análise da linguagem, por não se desprenderem do signo e não se apropriarem de uma análise empírica das realidades sociais.

2. Concepções sobre comunicação

Antes de começar a referenciar os autores que ajudem elucidar as questões específicas de linguagem, é preciso ter claro o conceito de comunicação que norteia este artigo. Neste caso, o termo é entendido como uma prática social que produz sentidos, percebendo-se que a linguagem é uma arena dos embates sociais (LOPES, 2004), sob a influência de Mikhail Bakhtin.

A escolha desse viés do campo comunicacional possibilita o melhor entendimento sobre o processo de busca de hegemonia, a partir de uma negociação no mercado simbólico. Em todas as etapas, desde a produção até o reconhecimento dos conteúdos este processo se faz presente. Muitas vezes, é que aqueles que dela participam não se dão conta de todas as negociações feitas.

A Virada Linguística e os estudos desencadeados a partir dela são importantes para a concepção de comunicação, na busca de reflexões que sistematizem a área, a produção noticiosa e seus efeitos, enfim sobre a circulação de sentidos produzidos pelos conteúdos midiáticos.

Existe, no entanto, outras concepções que desencadearam outras teorias. Teóricos que utilizam o termo comunicação como referência às trocas de mensagem (informação, sentimento, pensamento, dados, sinais...). Pesquisadores que designam no sentido da sobrevivência e da perpetuação da espécie, dentro de um caráter biológico. Há ainda aqueles que dão o tom mais sociológico e o utilizam como um elemento desencadeador e delimitador da interação social (MCQUAIL, 2013, MAIGRET, 2010, WOLF, 1996).

Outros teóricos como Habermas (1983) conceituaram comunicação como um processo dialógico através do qual os sujeitos, capazes de linguagem e ação, interagem com fins de obter entendimento, a chamada Teoria da Ação Comunicativa. Entre os pesquisadores brasileiros, Braga (2011) usa o termo comunicação como interação social que trata dos processos simbólicos e práticas, que organizando a troca entre os seres humanos, viabilizam as diversas ações e objetivos em que eles se veem engajados e toda e qualquer ação que solicita coparticipação. Poder-se-ia citar outras exemplificações, no entanto, passaremos para a configuração das semiologias do campo da linguagem.

3. Da concepção tradicional de linguagem à Virada Linguística

É no final do século XIX que surge propriamente um movimento de investigação sobre a linguagem, como já foi dito anteriormente, numa perspectiva de distanciamento da concepção tradicional de linguagem. E foi o conjunto desses estudos que ficou configurado como Virada Linguística.

Maigret (2010) diz que Ferdinand Saussure, no início do século XX, com seu estudo de linguística foi o precursor da mudança no rumo das pesquisas sobre a linguagem. A separação entre língua e fala é a essência da análise linguística e o conceito central em Saussure (2006). Com ela, surge também a necessidade de distinguir entre o social e o individual, o essencial e o acessório.

Segundo Saussure (2006), o processo de significação é realizado por dois elementos do signo, que é o veículo básico de sentido de uma língua. O linguista chamou o elemento físico (palavra, som, imagem) de significante e de significado, o conceito mental. Normalmente, a conexão entre o significado e o significante é arbitrária, mas a relação entre significado e significante (sentido ou conceito transmitido) é regida pelas regras da cultura e precisa ser apreendida pela comunidade interpretativa.

Nas opiniões das autoras Temer e Neri (2012), a maior contribuição de Saussure para a linguagem é o projeto de uma Teoria Geral da Linguagem e dos sistemas de signos por meio dos quais se estabelece a comunicação entre os homens, que ele denominou semiologia. “O aspecto ressaltado por Saussure é que o significado da mensagem não depende apenas das intenções de quem as transmite, mas das regras que constituem o código social” (TEMER; NERI, 2012, p. 124). O projeto saussuriano ao mesclar duas ambições: a primeira de explicitar as regras de funcionamento da linguagem e a segunda de fundar uma teoria do intercâmbio de sentido conseguiu avançar nos estudos da linguagem e sua aplicação. (MAIGRET, 2010)

Os estudos pós-Saussure ficaram conhecidos como estruturalismo, combinando ensinamentos da antropologia estrutural, explica McQuail (2013). Estudiosos norte-americanos e britânicos trabalharam para desenvolver um estudo de uma ciência geral dos signos (PEIRCE, 1995). Esse campo deveria abranger o estruturalismo e outras teorias que estivessem relacionadas à significação.

Desses estudos, saíram várias correntes que estenderam o alcance da Teoria da Linguagem entre 1950 e 1970 e influenciaram de perto os estudos da comunicação como o

Círculo Linguístico de Praga, com Roman Jakobson, que aproximou o formalismo russo e a análise matemática da comunicação (MAIGRET, 2010).

Como o autor russo, a linguística analisaria o discurso verbal sob a forma de uma série finita de unidades de informação elementar (os fonemas que compõem a linguagem) e descobriria a importância do princípio dicotômico no funcionamento da língua. Jakobson (2007) fornece, então, um modelo de comunicação derivado do modelo matemático de troca funcional de mensagens, reformulando esse último em termos linguísticos.

Ele lhe alarga o alcance (de início puramente cognitivo) para elementos tradicionalmente excluídos, como a emoção e a poesia. A comunicação necessita de outros elementos, além de um emissor, uma mensagem e um destinatário: o estabelecimento de um contato entre os homens, a presença de um código comum (o da língua), a consideração do contexto (MAIGRET, 2010, p. 169).

Aos seis elementos, diz Maigret (2010), Jakobson (2007) atribui seis funções: emotiva, conativa, referencial, poética, fática e metalinguística. Na opinião do sociólogo, o autor russo conseguiu enriquecer a visão funcional da comunicação, mas não conseguiu avançar e a ideia restritiva de linearidade foi conservada.

Maigret (2010) diz que a “excrescência desmedida” do modelo linguístico tem seu apogeu com Claude Lévi-Strauss que defendeu a visão da comunicação como fenômeno antropológico transversal. Lévi-Strauss, depois Mauss e Durkheim, mostra que os homens significam usando o recurso de figuras de estilo (metonímia, metáfora), que são todas mecanismos de deslocamento do sentido que eles organizam em estruturas chamadas narrativas. A crítica está na sistematização excessiva⁷³

E a de que o imaginário podia ser apreendido só pela observação da linguagem. Ao apresentar os mitos como produções fechadas sobre si mesmas e separadas das relações entre os homens, a análise estrutural acreditou descobrir uma solução matemática de conjunto que daria as regras de formação e de transformação dos discursos, quando estas regras são atravessadas por conflitos e afinidades que se exprimem fora dela, de modo que ela se esgotou em taxinomias estéreis como lhe censura um autor como Jack Godoy. Essa tendência também se manifesta em Algirda J. Greimas ou Claude Brémond, que buscam estabelecer a universalidade de regras de funcionamento das narrativas, quaisquer que sejam os lugares e as épocas, e recortando em sequência imutáveis mitos, contos ou relatos contemporâneos, segundo critérios simples: oposição melhoras-degradações, cadeias de ações ligando um emissor (o mandatário, na origem da busca de um herói) a um destinatário, etc. (MAIGRET, 2010, p. 171).

⁷³ Maigret ainda cita Noam Chomsky e a gramática gerativa dentro deste contexto histórico. O projeto de Chomsky, segundo Maigret, não tem problemas porque retoma o estudo da linguagem no nível mais técnico (MAIGRET, 2010, p. 171).

Novos avanços para o campo vieram com os estudos semiológicos⁷⁴ e a semiótica das comunicações de massa, com Barthes (1997) e Eco (2005). Segundo Maigret (2010), eles ocupam lugar intermediário na história das Teorias da Comunicação ao propor três deslocamentos para a pesquisa. Primeiro, eles se desenvolvem no seio de uma teoria da linguagem, logo se tornaram globalizante e foram calcados nas ciências ditas exatas. Segundo reintroduzem nos anos 1960 a questão da ideologia, refinando os trabalhos da Escola de Frankfurt e o terceiro deslocamento se dá ao “reingressar” nos estudos frankfurtianos, a semiologia relança as interrogações sobre o mecanismo de persuasão das mensagens e assim a induz ao caminho de uma pragmática.

Nesse novo percurso, no qual se levam em conta os atores da comunicação, ela mantém uma equidistância da teoria dos efeitos (as quais por algum tempo ela traz argumentos), das tentativas de constituição de uma ciência geral da comunicação e de uma concepção nova de comunicação, vista como uma atividade de diálogo e não somente de transmissão (MAIGRET, 2010).

Neste sentido, para ir além das regras gramaticais, McQuail (2013) destaca a preocupação de Barthes e Eco com outros aspectos da linguagem. Eles colocam em foco os sentidos conotativos e denotativos: as associações, imagens invocadas pelos seus usos e combinações. A denotação foi descrita como a primeira ordem de significação (Barthes, 1977 apud McQUAIL, 2013) porque mostra a relação dentro de um signo entre o significante e o significado. Já a conotação é uma segunda ordem de significação, ao sentido associado que pode ser evocado pelo objeto significado.

Uma demonstração desta abordagem foi a análise realizada por Barthes em 1977 do anúncio de revista para a Panzani Alimentos:

O anúncio mostrava a imagem de uma sacola de compras contendo alimentos (significante físico), mas estes, por sua vez, deveriam invocar imagens positivas de frescor e domesticidade (o nível da conotação). Além disso, as cores vermelho e verde significavam “italianidade” e poderiam invocar um mito de tradição e excelência culinária. Assim sendo, a significação geralmente funciona em dois níveis de sentido: o nível superficial, do significado literal, e o segundo nível, de sentido associado ou conotado. A ativação do segundo nível exige

⁷⁴ Semiologia e semiótica são expressões intercambiáveis, mas uma tendência se delineia desde o congresso fundador de Paris em 1969 em favor da segunda, que sublinharia a passagem de uma teoria da interpretação. O apego ao termo semiótica é reforçado hoje em dia pelo desejo de seus participantes de marcar uma distância com relação ao movimento semiológico dos anos 1960, salvo para a corrente que reivindica a herança de Barthes e Metz (MAIGRET, 2010, p.172).

algun conhecimento mais profundo ou familiaridade com a cultura por parte do leitor (McQUAIL, 2013, p. 327).

A imagem, que não pode ser tratada como signo na terminologia saussuriana, também começou a ter novas designações a partir da semiologia. Barthes (1997) fez a descrição da foto como uma imagem sem código. A aplicação da semiologia abre a possibilidade de se revelar mais do sentido subjacente a um texto, tomado como um todo, do que seria possível ao simplesmente seguir as regras gramaticais da língua ou consultar o sentido de palavras separadas no dicionário. Tem ainda a “vantagem de ser aplicada em textos que envolvam mais de um sistema de signos e a signos (como imagens visuais e sons) para os quais não há “gramática” estabelecida nem qualquer dicionário disponível” (McQUAIL, 2013, p.328).

Barthes também é responsável pela introdução do conceito de mito como “conjuntos de ideias preexistentes e carregadas de valores, derivadas da cultura e transmitidas pela comunicação” (BARTHES apud McQUAIL, 2013, p. 327). Muitas vezes, a coisa significada por um signo terá um lugar em um sistema maior e específico de sentido.

Maigret (2010) explica que a semiologia das comunicações de massa constrói a ciência dos signos pelo modelo linguístico estendendo a todos os suportes midiáticos a distinção entre significado e significante e entre denotação e conotação, para autores como Barthes e Umberto Eco, saídos do campo literário, o fenômeno permitiria “descrever o universo social no qual estamos mergulhados como recoberto de uma ampla camada de signos veiculados pelos meios de comunicação, espécie de segunda pele que sufoca a expressão e a liberdade” (MAIGRET, 2010,p. 178).

Depois de retomar a inspiração da Escola de Frankfurt e a teoria da cultura de massa, há um deslocamento nos estudos de Barthes e Eco ao perceber as limitações da aplicação de suas teorias. Maigret (2010) fala de tropeços na abordagem, como certo reducionismo e a falta de avaliação das respostas do público:

O estruturalismo e a semiótica, enfim, registram o fracasso da busca de uma teoria dos gêneros puros, da busca da literalidade e do critério distintivo entre cultura autêntica e cultura de massa que pensavam descobrir numa natureza oculta, a da língua (MAIGRET, 2010, p.176).

Considerados propagadores da semiologia, Barthes e Eco - principalmente - mudam o foco de seus estudos. Barthes (1987) instala o leitor como centro de sua análise e não mais os sistemas de signos. Já Eco (2005), que é a figura central nessa guinada, pluraliza as disciplinas e os métodos de análise da produção e sentido, que passam a se abrir para as

contribuições da lógica, da história da arte ou da retórica. Ele, então, explode a noção de signo e se afasta dos modelos duros de Greimas para se aproximar das correntes fenomenológicas e hermenêuticas, numa tentativa de dar conta das plasticidades da interpretação.

4. Da pragmática da linguagem ao discurso de ação

A chamada guinada da pragmática, segundo Maigret (2010), estuda a relação entre linguagem e seus usuários e os discursos e seus contextos. É pensada como uma ultrapassagem dos estudos da sintaxe e da semântica depois do descontentamento de modelos como o da linguística estrutural, a gramática gerativa, e a semiologia da comunicação de massas. Maigret (2010) aponta dois “fundadores” da chamada Virada Linguística-Pragmática: Charles Peirce e Ludwig Wittgenstein.

Peirce (1995) já utilizava o termo pragmática desde o início do século XX e, no mesmo período em que Saussure formulava seu estudo sobre a Linguística, inaugurava uma teoria que ligava o signo ao interpretante e ao intérprete: chamada de ciência do signo, batizada por Semiótica (TEMER; NERY, 2012). Seu desejo era fundar uma ciência geral da semiose. “A semiose é um processo de geração infinita de significações, razão pela qual aquilo que era terceiro numa dada relação triádica passa a ser primeiro numa outra relação triádica” (TEIXEIRA COELHO apud TEMER e NERY, 2012, p. 151).

Já Wittgenstein (1999) criou dois sistemas diferentes um do outro: o primeiro a relação entre linguagem e realidade como uma forma lógica de possibilidade enunciativa e o segundo é o que de fato inaugura a virada linguístico-pragmática com seus estudos relativos aos atos de fala (conceito aprofundado por Austin) e aos Jogos de Linguagem, que explicita a interação social baseada na comunicação humana.

Para Wittgenstein (1999), o significado de uma palavra está no uso que fazemos dela em um determinado contexto e como ela se processa na atividade dos jogos de linguagem, cada jogo tem seu estatuto de regras definidas entre os pares: regras de iniciação e de conclusão, regras de interditos e de ajuizamento do jogo. “Refiro-me a jogos de tabuleiro, de cartas, de bola, torneios esportivos, etc.” (WITTGENSTEIN, 1999, p.52).

Mesmo sendo modalidades de práticas diferentes, sem se ver algo em comum explícito, são reconhecidos como jogos, pois existe semelhança, parentescos que permitem apropriação pelos sujeitos desta instituição discursiva por meio da linguagem lúdica. O jogo permite a operacionalidade de múltiplas regras com significados diversos, dependendo do

espaço comunicativo, que está sendo empregado. São as regularidades de uso que constitui uma gramática de interação entre sujeitos de fala.

Teoria dos Atos de fala, segundo Austin (1990), trabalha como uma concepção da linguagem a partir das possibilidades de ação das palavras. Ao descrever acontecimentos como uma partida de futebol ou de um filme não há uma interferência fora do “texto”, apenas fatos e ações foram convertidos em linguagem. Austin usa o exemplo da cena de um casamento para mostrar como a fala interfere na realidade: ao dizer “sim” os noivos inferem na realidade, ou seja, as palavras são o próprio ato (MARTINO, 2012).

A obra de Austin foi o ponto de partida de pesquisas complexas sobre a linguagem e sua força, de tentativas de decomposição dos atos de fala em elementos simples, irreduzíveis, que desembocam também em paradoxos: nem sempre é fácil distinguir tão claramente os regimes de atos que se recobrem, de fato, muito frequentemente ou que dependem amplamente do contexto de emissão das palavras (MAIGRET, 2010, p. 181).

Mas é Foucault (2003), segundo Araújo (2005), que inverte os níveis consagrados de análise e de sustentação linguística, mostrando que é preciso olhar para a dimensão do discurso e não apenas para os encadeamentos linguísticos – o chamado significante e significado. Para ele, não se deve ir da frase gramatical ao ato de discurso, pois é enquanto discurso que uma frase ganha estatuto de frase. Opondo-se às análises de cunho puramente linguístico, Foucault destaca a análise do campo dos acontecimentos discursivos, identificando-a como a maneira de apreender o enunciado nos limites de seu acontecimento, procurando determinar as condições da sua existência, estabelecendo correlações com outros enunciados (ARAÚJO, 2005).

Para Foucault (2003), discurso é uma prática entre outras práticas, é formado por regras anônimas, históricas, determinadas no tempo e no espaço que definem para certa época e área social as condições de exercício da função enunciativa. O discurso na visão foucaultiana, segue a autora, é constituído pelos enunciados que se dispõem numa formação discursiva, na qual eles se encontram em relações regidas pelos princípios de reutilização, da dispersão, da exterioridade, do acúmulo e da efetividade.

Agora, é a partir de Bakhtin (2002) que a língua passa a ser vista como espaço onde os sentidos se constituem na interação eu-Outro e resultam, essencialmente, do conflito de interesses. Anteriormente, a língua era tida como um lugar de interação entre o emissor e o receptor, sendo o controle do discurso exercido pelo emissor (LOPES, 2004).

Assim a categoria de discursividade alarga o conceito de produção de sentido da linguagem em uso, remetendo aos conceitos de dialogia e polifonia instaurados pelo filósofo Mikhail Bakhtin. O dialogismo ou heterogeneidade, segundo Authier-Revuz (apud LOPES, 2004), representa vozes em confronto. Para Bakhtin (2000, 2002), dialogar não é a mera troca de informações, mas reflexão e análise de informações compartilhadas. Os enunciados sempre respondem a outros enunciados e que provocam outros, assim sucessivamente. A polifonia, por sua vez, refere-se a diferentes vozes, que aparecem num texto. (LOPES, 2004)

Segundo McQuail (2012), o uso mais constante da expressão “análise do discurso” foi se tornando a maneira preferencial no estudo no campo comunicacional para expressar a “análise qualitativa de conteúdo” e diferenciar da análise quantitativa. Scheufele (2008 apud McQUAIL 2012) aponta quatro características compartilhadas por todos os discursos, no sentido do primeiro contexto. A primeira, o discurso se refere a questões políticas sociais que são relevantes para a sociedade. Uma segunda característica é a de que os elementos de um discurso são chamados de atos de fala, enfatizando que são uma forma de interação social e padrões mais amplos de comportamento social. A terceira, o discurso pode ser analisado pelo estudo de corpos de textos de todos os tipos, incluindo documentos, transcrições, debates, conteúdo de mídia e uma quarta a de que os discursos são processos de construção coletiva da realidade social.

5. Além da pragmática – uma crítica aos dispositivos teóricos de análise da linguagem

A crítica de Maigret (2010) é que a pragmática da linguagem dos atos de fala não dá conta de uma abordagem da semiótica social porque fica no campo de uma análise da linguagem e não tem uma compreensão empírica da realidade. Para ele, faz-se necessário uma abordagem a partir das relações sociais. E cita a análise feita pelo pesquisador argentino Eliseo Verón: “do ponto de vista técnico, os teóricos dos atos de fala não inovaram: procedem em suas análises como semântica formal sempre fez: propondo frases ao leitor e interpretando-as” (VERÓN apud MAIGRET, 2010, p.182).

Segundo Lopes (2004), Verón além de criticar o modelo saussuriano (embora reconheça a sua importância na consolidação dos estudos da linguística), desaprova a visão imanente da produção de sentido (as semiologias anteriores⁷⁵) e a percepção que se projeta

⁷⁵ Lopes (2004) esclarece que a expressão semiologias anteriores, segundo o pesquisador Milton José Pinto, diz respeito à primeira semiologia representada pelos estudos Buysens, Prieto, Eco e Martinet nos anos 1930, que

nas causas sociais. Eliseo Verón, que tem sua formação em psicologia social, viveu por alguns anos na França e frequentou os seminários de Barthes, Lévi-Strauss e Edgar Morin. Mas sua aproximação com a escola de Palo Alto o influenciou na opção pelo campo teórico-metodológico da comunicação.

Na visão de Verón, estamos numa etapa posterior dos estudos da semiologia (a terceira) porque as pesquisas incorporaram nos estudos do campo da comunicação a recepção / reconhecimento e os efeitos de sentido. Neste aspecto, o processo de análise perpassa desde a produção do sentido até o seu consumo e a mensagem (discursos sociais). O que Verón propõe, segundo Lopes (2004), é uma Teoria da Discursividade, com objetivo de estudar os elementos que não são levados em conta nas abordagens citadas anteriormente.

Na teoria de Verón, articulam-se duas técnicas: a análise do semiológico de um corpo e o terreno qualitativo, com entrevistas semidiretas ou em grupos projetados. E a relação que os leitores (receptores/consumidores) têm com o suporte midiático repousa no que ele chama de contrato de leitura. No contrato, o que se leva em consideração na relação suporte midiático e receptor/consumidor são as estratégias utilizadas na construção do discurso.

Os discursos, para Verón, são os diversos percursos oferecidos ao leitor e para saber quais mecanismos e o nível de funcionamento onde eles se constituem um contrato de leitura o autor usa o conceito de enunciação:

La respuesta nos la da la teoría de la enunciación, que es sin lugar a dudas, el desarrollo más importante en las ciencias del lenguaje en estos últimos años. Se trata, primeramente, de distinguir, en el funcionamiento de cualquier discurso, dos niveles: el enunciado y la enunciación. El nivel del enunciado es aquel de lo que se dice (en una aproximación gruesa, el nivel del enunciado corresponde al orden del “contenido”); el nivel de la enunciación concierne a las modalidades del decir. Por el funcionamiento de la enunciación, un discurso construye una cierta imagen de aquel que habla (el enunciador), una cierta imagen de aquél a quien se habla (el destinatario) y en consecuencia, un nexo entre estos “lugares” (VERÓN, 1985, p. 5).

foi denominada como Semiologia da Comunicação. A abordagem explorava os códigos não verbais em analogia com o sistema linguístico. Verón data a primeira semiologia da década de 1960: a chamada Semiologia da Significação, o estudioso de maior representatividade foi Roland Barthes e fundamenta-se no princípio que qualquer fenômeno de cultura é um fenômeno de comunicação. A segunda semiologia surge nos anos 1970 sob a influência das gramáticas gerativas, quando começa a ser desenvolvida a produção de sentido e traz à tona novamente Roland Barthes nos seus novos estudos a partir de Greimas, como já foi tratado acima. A terceira (ou quarta) semiologia é a que se vivencia hoje ao incorporar nos estudos o campo da recepção / reconhecimento e os efeitos de sentido, na visão de Verón. Neste aspecto, o processo perpassa desde a produção do sentido até o seu consumo e a mensagem (discursos sociais).

O contrato de leitura, na verdade, é um dispositivo da enunciação adotado por um suporte. Nesta perspectiva, o que se leva em conta na relação entre um suporte e seu público são as estratégias utilizadas na construção do seu discurso, pois todo discurso esboça um campo de efeitos de sentido e põe em funcionamento a enunciação. É por meio das modalidades do dizer que se estabelecem os contratos de leitura (LOPES, 2004). Nos estudos de Verón, a compreensão dos processos de sentido passa a ser mais considerada do que os mecanismos de produção das mensagens; considera a constituição destas mensagens tendo em vista seu consumo como parte dos efeitos de sentido gerados pelo discurso (LOPES, 2009).

6 Considerações finais

Das considerações finais trataremos de sintetizar algumas concepções fundamentais deste percurso das formulações sobre linguagem, comunicação e discurso. Desde as explicitações tradicionais de pesquisas do campo comunicacional até elaborações contemporâneas de produção de sentido. Superando abordagens lineares de comunicação, tomamos o conceito de comunicação como uma prática social, em que a linguagem está em embate constante, como na visão bakhtiniana. Para assim, considerar também as notícias como práticas sociais, construídas mediante o emprego de linguagem verbal ou de outros recursos semióticos que integram um contexto social e histórico.

O século XX, movido por vários movimentos de investigação sobre a linguagem, estabelece um corte epistemológico entre dispositivos representacionistas de análises da linguagem e teorias de investigação da comunicação. O auge desta mudança se configura com a chamada Virada Linguística. Isto, tendo início com os estudos de Ferdinand Saussure (2006), com distinção entre língua e fala, o social e o individual e que é essencial e o que é acessório na produção de sentido.

No entanto, a análise linguística se aproxima das correntes interpretativas do signo como fenômeno numa tentativa de compreensão da linguagem como atividade e jogo. Desta forma, afasta-se da arbitrariedade do signo, numa perspectiva de interação com a linguagem. Neste construto histórico, a análise da linguagem se efetiva na forma pragmática, levando em consideração não somente o signo linguístico, mas também operando com os signos não linguísticos, que são, em última instância, o conhecimento de mundo e o contexto da enunciação.

Portanto, o tema desenvolvido neste artigo abre uma perspectiva no sentido de, junto com autores já referenciados, aprofundarmos as teorias que sustentam a compreensão do campo comunicacional a partir da linguagem e o desenvolvimento de seus estudos.

REFERÊNCIAS

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer** – palavras e ação. Tradução de Danilo Marcondes de Sousa Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Do signo ao discurso** - introdução à filosofia da linguagem. São Paulo: Parábola, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2002.

_____. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. Tradução de Izidoro Bliksten. São Paulo: Cultrix, 1997.

_____. **O prazer do texto**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BRAGA, José Luiz. **Constituição do campo da comunicação**. In Verso e Reverso, XXV (58):62-77, janeiro-abril, 2011.

ECO, Umberto. **Obra aberta** - forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas. São Paulo: Perspectiva, 2005.

FIGARO, Roseli. **A comunicação como campo de sentidos em disputa**. Congresso 2010 XIX Compós: Rio de Janeiro/RJ . Disponível em http://compos.com.puc-rio.br/media/gt7_roseli_figaro.pdf (acesso em 18/9/2016).

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2003.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2007.

LOPES, Suzana Cunha. **Estudando as enunciações de capas de jornais infantis:**

Uma análise comparativa do “Diarinho” e do “Liberalzinho”. VIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, Porto Velho, 2009. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/norte2009/resumos/R18-0134-1.pdf> (acesso em 18/9/2016).

LOPES, Paulo Fernando de Carvalho. **Negociando sentidos, articulando lugares: o modelo semiológico-discursivo nas teorias de comunicação e do jornalismo**. 2004. 221 f. Tese (Doutorado em Comunicação) Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2004.

MAIGRET, Eric. **Sociologia da comunicação e das mídias**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Senac, 2010.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da comunicação - ideias, conceitos e métodos**. Petrópolis: Vozes, 2012.

McQUAIL, Denis. **Teorias da comunicação de massa**. Tradução de Roberto Cataldo Costa. 6ª ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiologia**. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 1995.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa; NERY, Vanda Cunha Albieri. **Para entender as teorias de comunicação**. 2ª ed. Uberlândia: EDUFU, 2012.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Cultura, 1999.

WOLF, Mauro. **La investigación de la comunicación de masas – crítica e perspectivas**. 3ª ed. Barcelona: Paidós, 1996.

VERÓN, Eliseo. **El análisis del contrato de lectura - um nuevo método para los estudios de posicionamiento de los soportes de los media**. Paris: IREP, 1985.